



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Escola de Música
Licenciatura em Música

AMANDA CRISLEY PEDROSA BRAGA PINTO

**O PERFIL MULTI-INSTRUMENTISTA NA FORMAÇÃO INICIAL DE
PROFESSORES DE MÚSICA:** estudo sobre essa característica na educação
musical.

NATAL/RN
Agosto/2021

AMANDA CRISLEY PEDROSA BRAGA PINTO

O PERFIL MULTI-INSTRUMENTISTA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MÚSICA: estudo sobre essa característica na educação musical.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Música – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Música.

Orientadora: Prof. Dr^a Tamar Genz Gaulke

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. DRA. TAMAR GENZ GAULKE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
Orientadora

PROF^a. DRA. CAROLINA CHAVES GOMES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
1^a Avaliadora

PROF. ME. WASHINGTON NOGUEIRA DE ABREU
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
2^o Avaliador

Catálogo de Publicação na Fonte
Biblioteca Setorial Pe. Jaime Diniz - Escola de Música da UFRN

- P659p Pinto, Amanda Crisley Pedrosa Braga.
O perfil multi-instrumentista na formação inicial de professores de música: estudo sobre essa característica na educação musical/ Amanda Crisley Pedrosa Braga Pinto. – Natal, 2021.
41f. ; 30 cm.
- Orientador: Tamar Genz Gaulke.
- Monografia (graduação) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.
1. Multi-instrumentista – Monografia. 2. Formação de Professores de Música – Monografia. 3. Licenciatura em Música – Monografia.
I. Gaulke, Tamar Genz. II. Título.

RN/BS/EMUFRN

CDU 78:37

Elaborada por: Rayssa Ritha Marques Gondim Fernandes – CRB-15/Insc. 812

*Dedico este trabalho a Deus, porque d'Ele, por Ele e
para Ele são todas as coisas.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que é o autor da minha fé, dono da minha vida que soprou em mim o fôlego de vida e quem plantou em mim a eternidade. Meu refúgio e fortaleza que me conforta e me sustenta todos os dias com seu amor e bondade e sua misericórdia que se renova a cada manhã. Que me fortalece na caminhada e não me permite desistir diante das dificuldades.

Agradeço à minha orientadora Professora Tamar Genz Gaulke por todo apoio desde o início. Por me mostrar esse incrível mundo da pesquisa. Por ser exemplo de profissional e incentivo a sempre querer buscar algo a mais. Sou grata pelo tempo de qualidade, paciência, dedicação, compreensão e carinho em todo o processo de escrita na monografia e durante a minha graduação. Pela doçura e tranquilidade como conduziu todo meu trabalho, direcionando para que pudesse caminhar de forma tranquila até o final. Sempre tive uma admiração por sua conduta, sua pessoa e pela profissional que é. Louvo a Deus por sua vida.

Agradeço a Deus pela vida do meu esposo Pablo Ramon Barros Pinto. Por me apoiar em cada decisão da minha vida, por estar sempre presente, por cuidar de mim e por ser meu abrigo. Por me aconselhar e me fazer sempre ver o outro lado das coisas. Por me segurar por muitas vezes em momentos que eu não conseguia me manter de pé. Por pastorear nossa família e cuidar tão bem dos nossos filhos. Eu amo você.

Agradeço a Deus pela vida do meu primogênito, meu filho Pablo Rian Braga Pinto, o amor da minha vida. Um menino lindo, meigo, inteligente que enche meus dias de alegria, emoção e desafios. É por você filho que todos os dias me esforço pra ser a melhor, para que você tenha orgulho da sua mãe. É por você que tanto me dedico aos meus estudos para ser exemplo e que você seja superior a mim. É por você que dedico a minha vida a educá-lo e ensiná-lo no melhor caminho. Por seu amor, por seu carinho, por me fazer sorrir e chorar. Que Deus seja sempre o primeiro em sua vida. Amo você.

Ao meu filho Pablo Ronan Braga Pinto. Meu amor lindo! Você veio em meio a tudo isso durante a minha graduação e junto vieram todos os desafios que juntos enfrentamos e vencemos e todos os desafios que surgiram. Sempre venceremos. Sou grata por me mostrar o milagre de Deus. Obrigada por me mostrar a sua força em superar as dificuldades e me fazer ver que existe algo muito maior em nós, que nos sustenta, nos ama e nos ajuda a superar as adversidades da vida. Obrigada por sempre me olhar com carinho e me alegrar com seu sorriso inocente e seu abraço que me conforta. Mamãe te ama.

Agradeço a minha mãe que sempre se esforçou para me tornar um ser humano bom. Agradeço por sua luta em nos criar (meu irmão e eu) sozinha, em se esforçar para que pudéssemos ter tudo o que precisávamos. Por sempre me incentivar a continuar, e a nunca desistir. Obrigada por me ensinar que o bem sempre vence. Eu te amo mãe.

A minha família aqui em Natal, a família que me acolheu quando aqui cheguei em 2009. Sou grata a Deus pela vida do meu sogro, Rui Pinto da Silva, meus cunhados Rui Pinto da Silva Junior e Daniel Juan Barros Pinto e em especial a minha sogra, Jailza Lima Barros Pinto. Obrigada por me apoiarem em todos os momentos e principalmente durante minha graduação. Por serem meu suporte quando precisava deixar meus filhos para ir à universidade, ter um tempo de dedicação aos meus estudos, ou mesmo um tempo de descanso. Obrigada por serem nossos “braços e pernas”.

Agradeço a minha família de fé, a todos da Primeira Igreja Batista de Natal. Agradeço ao meu Pastor Edison Vicente do Nascimento e Valdice Braga pelo cuidado e pastoreio. Obrigada por cuidar tão bem da minha família, por estarem sempre presente e nos ensinando em amor. Minha gratidão a Kleber Pequeno e Cibele Pequeno, Ana Priscyla e Abner Braga, Larissa Reis, por estarem sempre presente.

Agradeço a minha amiga e irmã Cintia Vieira, por acreditar em mim e me mostrar que eu sou capaz de alcançar meus sonhos. Obrigada por se alegrar comigo em cada conquista. Obrigada carinho e amor de sempre.

Às minhas amigas Nayara Freire e Anna Cristina por me incentivarem a buscar conhecimento acadêmico e por me auxiliar todos esses anos de formação musical. Obrigada pelas conversas, momento de descontração e em especial pelo carinho de sempre.

Aos meus professores da graduação, principalmente a Washington Abreu, Carolina Chaves Gomes, Danilo Guanais, Tamar Genz Gaulke, Agostinho Lima, Nan Qi, Joana Holanda, meu muito obrigado. Obrigada pelo conhecimento partilhado não apenas na área da educação musical, mas como ser humano em geral. Vocês certamente contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal. Por acreditarem em mim e por todo apoio,

Agradeço a uma professora muito especial, Cristiane Otutumi. Por se tornar presente em minha vida em tão pouco tempo, me orientando e me ajudando a organizar meu tempo de estudo. Pela delicadeza, calma e tranquilidade que sempre me traz paz. Por me incentivar a continuar e sempre querer alcançar novos voos.

Agradeço aos meus amigos e colegas de turma, Valério Costa, Arthur França, Tomaz Oliveira pela parceria nesses últimos quatro anos.

Com base em seus conhecimentos e pesquisas compartilhadas, minha gratidão a Nayara Freire e a Gustavo Luís Rauber (in memoriam) pela gloriosa contribuição para construção deste trabalho e principalmente por me ajudar a compreender sobre esse mundo multi-instrumentista do qual faço parte e tanto me ajudou a entender quem sou e como quero seguir daqui em diante.

A todos que me apoiaram, incentivaram e acreditaram em mim, **MUITO OBRIGADA.**

RESUMO

Pensando na pluralidade onde o professor de música está inserido e na diversidade de campo de atuação, esse trabalho trata sobre o perfil multi-instrumentista do professor de música. O objetivo geral desta pesquisa foi compreender o impacto da característica multi-instrumentista na prática e formação docente de licenciandos em Música da UFRN. Os objetivos específicos foram entender sobre o processo de formação docente e prática quanto à especificidade multi-instrumentista; identificar a diferença entre ter o “perfil Multi” e a “necessidade Multi”, em abordagens e metodologias de ensino; avaliar a desenvoltura dessas habilidades e seus significados para uma melhor atuação em sala de aula. Para essa pesquisa, autores como Wayne Bowman, Antônio Nóvoa, Maura Penna contribuíram e fundamentaram meus pensamentos relativos ao ensino e aprendizagem de música e o ser professor. Somando a esses, Rauber e Silva fundamentam as ideias sobre o lado multi-instrumentista do professor de música. A pesquisa teve como caminho metodológico a realização de um grupo focal, onde busquei entender sobre os licenciandos e como eles se viam nesse meio de modo que essa pesquisa venha a contribuir para o desenvolvimento e capacitação do licenciando em música. Assim, com o resultado dessa pesquisa, percebemos que a presença da característica multi-instrumentista faz diferença na atuação do professor de música e que quanto mais experiências formativas e conhecimentos o professor tiver, melhor poderá ser a sua atuação enquanto docente.

Palavras-chaves: Multi-instrumentista; Formação de Professores de Música; Licenciatura em Música.

ABSTRACT

Thinking about the plurality where the music teacher is inserted and the diversity of field of action, this work deals with the multi-instrumentalist profile of the music teacher. The general objective of this research was to understand the impact of the multi-instrumentalist characteristic in the practice and teacher training of undergraduates in Music at UFRN. The specific objectives were to understand the process of teacher training and practice regarding the multi-instrumentalist specificity; identify the difference between having the “Multi profile” and the “Multi need” in teaching approaches and methodologies; assess the resourcefulness of these skills and their meaning for a better performance in the classroom. For this research, authors such as Wayne Bowman, Antônio Nóvoa, Maura Penna contributed and supported my thoughts on teaching and learning music and being a teacher. Adding to these, Rauber and Silva base the ideas on the multi-instrumentalist side of the music teacher. The research had as a methodological path the realization of a focus group, where I sought to understand about the undergraduates and how they saw themselves in this environment so that this research will contribute to the development and training of the student in music. Thus, with the result of this research, we realize that the presence of the multi-instrumentalist characteristic makes a difference in the performance of the music teacher and that the more formative experiences and knowledge the teacher has, the better his/her performance as a teacher can be.

Keywords: Multi instrumentalist; Music Teacher Training; Degree in music.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	14
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
4. CAMINHOS METODOGLÓGICOS.....	24
5. ANÁLISE DO GRUPO FOCAL.....	27
5.1. SOBRE O GRUPO FOCAL.....	27
5.2. SOBRE SER MULTI-INSTRUMENTISTA.....	27
5.3. SOBRE A FORMAÇÃO DIDÁTICO-MUSICAL/INSTRUMENTAL DOS LICENCIADOS.....	30
5.4. SOBRE A NECESSIDADE MULTI-INSTRUMENTISTA.....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE.....	42

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre como a presença da característica Multi-instrumentista nos alunos de graduação da licenciatura em Música pode se tornar relevante para a sua atuação enquanto professor de música. Buscando também perceber como essa característica poderá os levar a se beneficiarem enquanto já professores atuantes a educação básica.

A escolha desse tema veio por meio de uma escrita autobiográfica em que o termo “Multi-instrumentista” sempre mostrou-se bem presente na minha vida. Desde criança, sempre tive facilidade para aprender qualquer instrumento e acredito que isso se deve pela minha aptidão musical onde eu acredito nisso e que está diretamente ligada por minhas habilidades musicais ao ter contato desde cedo com experiências que me despertaram para esse desenvolvimento de aprendizagem musical. Aprendi a tocar violão apenas por observar outros tocando na igreja em que fazia parte, pois nenhum professor queria me dar aulas visto que eu não conseguia suportar o peso do instrumento. Então, iniciei o estudo do violão sozinha e logo fui inserida em um grupo musical da igreja - onde eu era a única criança a participar. Nesse meio de comunidade religiosa há uma grande rotatividade de pessoas e, por isso, o grupo musical sempre estava desfalcado. Dessa forma, comecei a desenvolver habilidades estudando outros instrumentos para suprir os desfalques daquele grupo. Nisso, comecei a trocar de instrumentos musicais de acordo com a necessidade. Esse aprendizado musical corroborou na minha construção multi-instrumentista, incluindo o canto, bem como a regência de coros, mesmo sem conhecimentos teóricos da área. Assim, pude entender e atender as expectativas que me eram impostas pela falta de recursos humanos. A partir disso, eu comecei a aprender e a ensinar outros instrumentos, como contrabaixo elétrico, bateria, teclado, guitarra e alguns instrumentos de percussão.

Pensando na diversidade dos contextos onde a música está inserida “a aprendizagem não se dá num vácuo, mas num contexto complexo” (SOUZA, 2008 p.7) e isso define bem minhas experiências, revelando tamanha complexidade de uma comunidade religiosa onde o trabalho é voluntário e o amor à obra se sobressai a qualquer dificuldade e o desafio se torna prazeroso. Desde então, estou a todo tempo aprendendo e ensinando um novo instrumento pela necessidade de atuar no grupo de cânticos da igreja ao qual faço parte, no meio em que vivo atualmente, incluindo alguns outros instrumentos que tenho praticado como ukulelê, piano, violoncelo e violino.

Durante muito tempo aprendi música apenas por ouvir, o que denominam “músico autodidata”. Muitos desses anos, vivi nesse meio musical sem um estudo mais profundo da

área, somente aos 31 anos tive a oportunidade de ingressar no curso de Licenciatura em Música na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e ter o privilégio de conhecer e aprender a leitura e escrita convencionais em música junto com o conhecimento teórico e prático oferecido pela EMUFRN no curso de Licenciatura. Hoje vejo que essas vivências, junto com o conhecimento acadêmico, fundiram-se e transformaram-se em ricas experiências que têm me proporcionado a possibilidade de ser flexível tanto na aprendizagem como aluna da licenciatura quanto na transmissão do ensino de música, em estágios, projetos de monitoria e no *Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) desenvolvidos pela Escola de Música-UFRN. Assim, como a necessidade de agregar novos conhecimentos foi forte em todo o meu processo na vida musical, esse período contribuiu para que meus conhecimentos fossem ampliados e que minhas possibilidades de atuação enquanto professora de música, tornassem abrangentes de modo que pudessem atender diferentes alunos e expectativas.

Sendo assim, esta pesquisa tem o interesse em estudar com mais profundidade sobre o perfil multi-instrumentista na formação de licenciandos em Música, tentando avaliar o impacto disso na vida dos alunos. Assim, busquei encontrar os resultados que poderão surgir em sala de aula na qualidade de professor na Educação Musical, ampliando a diversidade de atuação que o professor de música poderá encontrar no seu ofício.

Portanto, como objetivo geral desta pesquisa, pretendi compreender o impacto da característica multi-instrumentista na prática e formação docente de licenciandos em Música da UFRN. Como objetivos específicos, busquei entender sobre o processo de formação docente e prática quanto à especificidade multi-instrumentista; identificar a diferença entre ter o “perfil Multi” e a “necessidade Multi”, em abordagens e metodologias de ensino; avaliar a desenvoltura dessas habilidades e seus significados para uma melhor atuação em sala de aula.

Esta monografia está dividida em cinco capítulos, onde o primeiro se trata da introdução, quando relato minha história de vida associada com o tema multi-instrumentista, já evidenciando o objetivo geral e os objetivos específicos. No capítulo dois, faço uma busca

* PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. (Trecho retirado no portal.mec.gov.br/pibid).

na revisão de literatura, citando autores que tratam da formação de professores como Nóvoa (1994), Cereser (2004), Bellochio (2003), Penna (2006) e Souza (2008). Além desses autores, a revisão de literatura mostrou dois autores que tratam especificamente do tema multi-instrumentista que são Rauber (2017) e Silva (2019). No capítulo seguinte, busquei fundamentar minha visão de mundo nos pensamentos de Bowman (2020) sobre a importância de educar musicalmente. No capítulo quatro, discorri sobre a metodologia, onde o foco principal foi na realização de uma conversa no formato de grupo focal. Seguindo assim, no capítulo cinco, relato a análise dessa conversa com os licenciandos da turma de Estágio Supervisionado IV. Concluo com o capítulo seis respondendo sobre minhas expectativas encontradas nos objetivos específicos e fazendo minhas considerações finais sobre esta pesquisa.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Apesar da importância do assunto, a busca de outros artigos científicos em Anais da ABEM, dissertações e teses sobre o tema da pesquisa revelaram que há poucas publicações sobre a temática Multi-instrumentista na área da Educação Musical, tornando as informações limitadas. Por isso, coube a revisão de literatura reunir publicações que se aproximam do objetivo deste trabalho.

Partindo de pesquisas que tratam sobre a educação musical e a formação de professores em universidades, entendemos que a licenciatura tem um papel essencial na formação inicial docente (BELLOCHIO, 2003; CERESER, 2004), pois, como Nóvoa afirma, “a existência de uma ‘carreira docente única’ e a dignificação da profissão docente exigem que a formação de todos os professores tenha um estatuto universitário” (NÓVOA, 1995, p.26).

No caso do professor de Música, é extremamente importante para sua formação ter os conhecimentos necessários de sua área específica, a fim de realizar com êxito o que lhe foi proposto em sua totalidade, para que seu trabalho seja dignificado no contexto escolar e que isso possa lhe assegurar no seu espaço de atuação.

Compreendendo bem o papel importante da formação docente, é imprescindível entender a pluralidade que existe no contexto escolar e assim afirmar a importância de uma compreensão da parte dos discentes de que há uma real necessidade de se atualizar, e se capacitar. Com isso, nada melhor que a academia para lhes dar total suporte nessa área. Cereser (2004) discorre sobre essa versatilidade e vê a necessidade da atualização acadêmica nos tempos atuais:

[...] devido às transformações sociais verificadas nessas últimas décadas, houve reformas de ensino que procuraram acompanhar e dar respostas às novas demandas da sociedade industrializada. Nesse processo, ampliou-se o papel do professor, e este se viu obrigado a desempenhar papéis cada vez mais complexos para atuar nas escolas (CERESER, 2004 p.10).

Para a autora, a necessidade de se adaptar a novas demandas em sala de aula faz com que os professores se tornem cada vez mais exigidos em sua formação inicial para desempenhar seu papel conforme lhe for confiado. Então, entendo que “[...] são múltiplos os espaços de atuação para o educador musical, pela diversidade de contextos educativos, escolares ou extra-escolares, incluindo os projetos sociais e as escolas especializadas em música, como discutido por diversos autores” (PENNA, 2007 p. 52).

Levando em consideração toda diversidade e prática musical, “[...] o professor deve ser um profissional autônomo que reflete criticamente sobre a prática para compreender as características dos processos de ensino e aprendizagem em música” (CERESER, 2004 p.133) a tal ponto que todo o seu conhecimento auxilie na construção docente.

Seguindo com a pesquisa, novas buscas pelo termo “Multi-instrumentista” foram necessárias para entender a relevância desse incentivo por novos conhecimentos e toda essa atualização válida enquanto alunos da universidade. Rauber (2017) descreve o termo como:

‘Multi-instrumentista’ se refere ao profissional capaz de tocar diversos instrumentos musicais, sendo em um ou distintos projetos. Não importa se num mesmo projeto ou projetos diferentes, mas aquele que tem esse perfil é classificado como músico Multi-instrumentista (RAUBER, 2017, P.209. grifos do autor).

Algo muito interessante que Rauber (2017) ressalta é o fato de que o músico multi-instrumentista relaciona e utiliza conhecimentos aprendidos em outros instrumentos com novos aprendizados, proporcionando o aprendizado de outros instrumentos por vivência do saber musical aprendido, muitas vezes, sem um professor.

Rauber (2017) ainda descreve o que muitas vezes atinge o meu sentimento sobre saber vários instrumentos:

Ser multi-instrumentista é realizar um percurso de aprendizagem configurado pelo desafio, pelo novo, por arranjos instrumentais inusitados, imprevisíveis e momentâneos. É ser um músico que não pretende dar caráter magnífico ou extraordinário à sua prática de performance, distinguindo-se como autoridade, mas validar e significar sua atuação através de uma proposta diferente. [...] A prática multi-instrumentista não é sobre ‘ser mais’, é sobre ‘outro modo de ser músico’ (RAUBER, 2017, p. 209. grifos do autor).

Muitos não entendem o que eu chamo de privilégio. Alguns chegam até a pensar que somos soberbos em saber vários instrumentos, mas é exatamente isso outrora apresentado: ‘não é sobre ser mais’, é sobre ‘outro modo de ser músico’ (RAUBER, 2017, p.209. grifos do autor).

Os contextos musicais que o músico está inserido faz com que ele tenha essa necessidade de execução instrumental, tornando isso oportunidade para a aprendizagem de um novo instrumento. “Assim como os círculos de sociabilidade podem apresentar a oportunidade, ou necessidade de contato com diferentes instrumentos musicais, poderão também representar a própria limitação quanto à disponibilidade e promover diferentes modos de utilização dos mesmos” (RAUBER, 2017, p.23).

A atuação do futuro professor na sala de aula exige aprendizagens de diferentes saberes para atender diferentes alunos e suas expectativas, pois a aprendizagem se dá num contexto complexo que requer novas estratégias para alcançar seus objetivos. Silva (2019) traz reflexões sobre considerar todo o caminho percorrido até chegar à escolha de seu tema:

[...] percebi que algumas dificuldades encontradas nos contextos por onde passei foram contornadas a partir dessa característica ‘multi’, onde desenvolvi várias funções durante as aulas, o que tornou a minha prática mais abrangente. Assim, pude refletir e perceber que outros profissionais da área também apoiam a sua prática na execução de vários instrumentos, bem como, desenvolvem outras habilidades musicais para ampliar os resultados alcançados com os seus alunos (SILVA, 2019, p.18).

A diversidade dos espaços de atuação na educação musical é muito abrangente, como apresenta Penna (2006):

São múltiplos os perfis dos educadores musicais, refletindo, inclusive, a variedade de espaços de atuação, cada qual com suas próprias demandas e desafios. E essa multiplicidade traz diferentes contribuições, pois o diálogo entre esta diversidade – de perfis, de enfoques, de contribuições, de experiências [...] – enriquece a nossa área (PENNA, 2006, p.42).

Cabe ao perfil “Multi” desenvolver sua própria estratégia de trabalho, mas permitindo ser flexível para estar pronto a atuar em qualquer espaço de atuação que seja necessária. Silva (2019) destaca que:

O multi-instrumentista irá propor uma maneira de atuação diferente aonde quer que ele trabalhe com a música e os espaços de atuação destinados a esse perfil [multi-instrumentista] são múltiplos. Sua área de atuação não é estável e ele pode permear tanto pela performance quanto pela docência, além disso, em cada um desses contextos ele terá um leque de opções para poder agir e condicionar sua carreira musical (SILVA, 2019, p.29).

Segundo a autora, a falta de pesquisas sobre o papel do professor deixa de contribuir na expansão da Educação Musical, como relata:

A partir da multidimensionalidade da área de Educação Musical, compreendemos a carência de estudos sobre o papel desse professor, o que contribuirá para a ampliação e o aprofundamento sobre as diferentes possibilidades de ensino de música, os diferentes contextos onde os educadores estão inseridos e as significações que a combinação professor-contexto pode trazer (SILVA, 2019, p.30).

E ainda, sobre essa importância, ressalta:

Ao entender as características do perfil Multi-Instrumentista e as diversas possibilidades de atuação docente enquanto Educador Musical percebe-se a necessidade de estudar a atuação do professor de música que dispõe dessa característica ‘multi’, buscando entender qual impacto desse aspecto na prática docente em música (SILVA, 2019, p.30).

Diante das pesquisas encontradas sobre o tema, percebo que há uma diferença entre os termos “multi-instrumentista” e a “necessidade multi-instrumentista”. Por isso, quero agora pensar um pouco sobre eles e assim poder entender como os termos se relacionam na formação do futuro professor de música.

A característica multi-instrumentista remete ao músico que tem o desejo, uma necessidade de estar sempre em busca de aprender um novo instrumento. Não necessariamente algo que naquele momento ele está precisando aprender para atuar, mas que essa prática seja algo natural em seu fazer musical. Isso torna, enquanto professor atuante, sua abordagem em sala de aula algo muito mais simples e natural, já que a sua característica o beneficia nesse contexto. Ou seja, algo que ele gosta e que se aplica em sua prática. Porém, existe um outro lado que precisamos compreender, e é esse o motivo da minha real preocupação enquanto aluna da licenciatura, que é ter a “necessidade Multi-instrumentista”. Essa “necessidade” mostra que o futuro professor de música construa sua formação com conhecimentos práticos e teóricos que o auxiliem na compreensão da docência, pois seria interessante ter conhecimentos ou pelo menos uma noção básica de outros instrumentos, principalmente os harmônicos, para que assim ele possa realizar o seu trabalho em sala de aula. Então, o professor percebe essa necessidade de saber outros instrumentos, vê a importância para a sua prática em sala de aula, mas esse professor não se define como multi-instrumentista. Logo, podemos dizer que o multi-instrumentista é aquele professor que se considera multi-instrumentista. Já o mesmo profissional que sente a necessidade, pode não se reconhecer como um multi-instrumentista.

Essa é uma consideração interessante identificada nesta pesquisa, onde o perfil multi-instrumentista está diretamente ligada à sua própria consideração. Então, pode-se definir padrões para delimitar essa característica em um músico? Essa é uma questão a se pensar, já que a presença dessa característica mostra um “brilho” a mais na atuação do professor e da academia que está formando esse profissional. Ter algo que incentive o aluno a se capacitar para a sua função docência, certamente irá contribuir para o crescimento não só profissional do licenciando, onde além de incluir outros saberes instrumentais e habilidades dentro de um conhecimento científico musical, estará corroborando para o avanço da educação musical.

Contudo, a formação multi-instrumentista seria interessante aparecer de alguma forma na graduação de novos professores de música, seja em formações continuadas ou até mesmo disciplinas específicas a esse tema, sendo incentivado pela academia para que se possa tornar produtivo e benéfico na atuação do professor de música. Desse modo, seria possível mostrar

para os licenciandos que ter esses conhecimentos necessitam de reflexividade para que de alguma forma se caracterize como formação.

O educador musical entende que a “licenciatura em música é a formação profissional por excelência para o educador musical: não apenas é ela que lhe dá formal e legalmente o direito de ensinar, como também é a formação ideal, aquela que nossa área tem defendido e construído, em um árduo processo” (PENNA, 2007, p.50).

Para muitos alunos do curso de licenciatura em música, a matriz curricular é um ponto sério e importante a ser questionado na sua formação e que precisa ser atualizado e estar de acordo com o que realmente é necessário para sua profissão. Para Cereser (2004),

[...] os licenciandos veem sua área e espaço de atuação como muito ‘abrangente’, ‘ampla’, ‘aberta’, um ‘leque extenso’; entretanto relatam que não receberam formação suficientemente fundamentada para ser um instrumentista, um regente, um arranjador, um cantor, um músico popular assim eles percebem a sua formação como ampla, em princípio podendo estar inseridos em qualquer espaço e atuando em qualquer área musical. No entanto relatam que sua formação é bastante ‘falha’ e ‘fragmentada’ para abranger todos os espaços pedagógico-musicais (CERESER, 2004, p.138. grifos do autor).

Assim, se torna difícil formar um professor unidocente em quatro anos que seja um profissional pronto a ministrar em qualquer espaço de atuação e que o instrumento seja uma ferramenta à disposição do fazer musical sem o auxílio e incentivo da classe acadêmica.

Muito além disso, a autora fala que a:

[...] licenciatura deve ser muito mais, formando um profissional capaz de assumir – e responder produtivamente ao: Compromisso social, humano e cultural de atuar em diferentes contextos educativos; compromisso de constantemente buscar compreender as necessidades e potencialidades de seu aluno; compromisso de acolher diferentes músicas, distintas culturas e as múltiplas funções que a música pode ter na vida social (PENNA, 2007 p.53).

Sendo assim, Pena conclui que:

[...] a formação do professor não se esgota apenas no domínio da linguagem musical, sendo indispensável uma perspectiva pedagógica que o prepare para compreender a especificidade de cada contexto educativo e lhe dê recursos para a sua atuação docente e para a construção de alternativas metodológicas (PENNA, 2007 p.53).

O tema escolhido para esta monografia de conclusão de curso será de grande relevância para auxiliar na formação de futuros professores de música e na preparação desses docentes enquanto educadores para sua atuação em espaços de atuação, tendo em vista que “a

Educação Musical tem se mostrado cada vez mais ampla mediante as múltiplas formas de realização musical” (SILVA, 2018, p. 20), onde abrange diversos contextos e diferentes modalidades.

Entendendo a necessidade da formação adequada, é preciso saber o que realmente está de acordo com a matriz curricular do curso para compreender o que o futuro educador musical irá precisar para estar apto a ministrar sua aula. Para isso, é preciso identificar quais os espaços de atuação e quais conhecimentos aprendidos na universidade que serão aproveitados na prática e quais novos conhecimentos precisarão estar disponíveis e serem utilizados nos diversos contextos de atuação. Por isso, é muito importante o licenciando estar em contato com grupos de pesquisas e projetos de extensão, onde essas práticas possam de fato contribuir para a comunidade e a universidade onde serão abertos espaços para projetos sociais educativos e ainda contribuir para a formação continuada e acompanhamento pedagógico junto aos professores em formação e profissionais já licenciados com o fim de apoiá-los e aprimorar sua prática.

Tomando por um ponto de início a contemporaneidade do ensino musical, somos rotineiramente provocados a inovar, repensar nossas práticas de ensino e como professores de música a real necessidade de entender onde o futuro professor irá atuar. Isso porque temos que estar atentos a necessidade dos alunos e o que eles nos trazem a cada novo dia e percebo que desde o estágio obrigatório necessitamos, como futuros professores, estar atentos. Isso acaba demandando no exercício de uma nova aprendizagem por ocorrer em contextos mais diversos da sociedade. Arroyo diz que: “Essa abordagem implica em considerarmos que toda prática musical, ‘fenômeno transversal’, que ‘perpassa todos os espaços sociais’ (BOZON, 2000, p.147), traz implícita a aprendizagem dessa prática e que, assim, alguma modalidade de educação musical ocorre em diversos contextos [...]” (ARROYO, 2002, p.18).

A educação musical é um termo muito abrangente, vai além da iniciação musical introdutória ao estudo formal. Ela se refere a todo processo de ensino musical passando pela graduação e ensino de instrumentos. É também educação musical o ensino não formal de música. Logo, é todo ensino e aprendizagem de música em qualquer ambiente. Como indica Del-Ben (2003, p.31), “Para ensinar música [...] não é suficiente somente saber música ou somente saber ensinar. Conhecimentos pedagógicos e musicológicos são igualmente necessários, não sendo possível priorizar um em detrimento do outro”.

Sendo assim, a Educação Musical se estende a toda forma do fazer musical, contemplando diferentes grupos sociais, necessitando de diferentes abordagens destinadas a cada grupo intercultural que tem suas particularidades onde “somos levados a entender que

em qualquer prática de formação musical, intencional ou não, há um conjunto de definições e formas de agir que estão ‘prontas’ e que são transmitidas social e culturalmente” (QUEIROZ, 2017, p.174). Silva (2018) ainda ressalta que essa diversidade vai além das diferentes músicas que podemos ensinar, ela percorre por todos os significados presentes nos contextos onde estamos inseridos, aprofundando-se na subjetividade de cada indivíduo com a prática realizada, tornando-se assim uma Educação Musical Intercultural.

Com essa diversidade na qual estamos todos inseridos, é possível entender que a Educação Musical vai além da limitação de uma sala de aula. Sua dimensão se sobrepõe às realidades escolares bem como uma mostra musical. Essa diversidade requer do futuro professor uma maior compreensão da contextualização da qual irá compor para que se tenha resultados significativos da abordagem do ensino e aprendizagem, pois uma flexibilidade em sua atuação lhe será exigido no dia-a-dia enquanto educador.

O objetivo da pesquisa não é fomentar que todos os graduandos em Música sejam professores multi-instrumentistas, mas que, com o impacto desse perfil, tenham o suporte necessário para o planejamento, ministração de suas aulas e na transmissão de conteúdo do professor em atuação, considerando que “o professor que ensina música precisa trabalhar com as incertezas e isso requer dele alternativas de trabalho, posturas e soluções criativas nas tomadas de decisões” (BELLOCHIO, 2003, p. 23.).

Contudo, sinto a necessidade de trazer autores que apoiem minha visão de mundo e tratam dessa necessidade de o futuro professor estar em busca de novas visões mais do que o próprio curso de graduação lhe oferece.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sempre associamos a educação musical ao ensino [treino] de música e relativamente isso está interligado, pois o professor de música é habilitado para ensinar música. Entretanto, esses ensinamentos podem tomar rumos bem diferentes e é nesse ponto que eu quero tratar neste momento. Treinar um instrumento para se obter uma performance desejável, uma técnica perfeita é algo muito relevante e importante quando se fala em música, mas há algo que deveria ser bem mais importante que é o “educar” musicalmente.

Buscando nas proposições de Bowman (2020, p.163), “Nem todo processo de ensino musical leva para fins educacionais, nem todo ensino de música é educacional, seja em intenção ou em resultado”. Uma das formas equivocadas de se pensar são que as “únicas razões para ensinar música são para desenvolver altos níveis de proficiência musical e para transmitir tipos particulares de conhecimento musical” (BOWMAN, 2020, p.163, tradução minha). É nesse ponto que a educação musical se difere do ensino [treino] de música. Tanto a educação musical quanto o ensino de música querem alcançar o mesmo objetivo que é ensinar música de forma coerente, com a transmissão de habilidades e conhecimentos. Porém, nem sempre esses ensinamentos têm valor educacional, “sem negligenciar ‘a música’” como Bowman diz, com toda sua técnica. Enquanto as escolas especializadas treinam determinadas técnicas e métodos, a educação musical ensina o que pode ser feito através da música.

A principal preocupação dos educadores musicais precisa ser o ensino da música significativo e de forma educativa. E é aí que entra a formação acadêmica desse profissional, ela está diretamente ligada à sua atuação em sala de aula enquanto professor e na sua forma de assegurar o desenvolvimento do ensino e aprendizagem que irá gerar conhecimento e habilidades musicais. É nela, a sala de aula, que se mostrará toda desenvoltura e conhecimento adquiridos na academia e assim, estar de acordo com a sua prática. Mas a formação inicial é o primeiro passo, pois ela é “somente uma etapa da construção da docência, uma etapa importante, mas não suficiente, pois somente a formação não basta para ser professor” (GAULKE, 2013, p. 12).

A educação dos alunos é a meta a ser atingida pelo docente. Isso vai muito além do ensinar música, pois, ao contrário, não estará considerando suas necessidades globais como ser humano. Isso está relacionado à transformação que vai do ensino de música à produção de conhecimentos, suas relações sociais, ambientais, culturais, antropológicas e políticas. Contudo, o futuro educador possibilitará que seus alunos experimentem a expansão de possibilidades de seus saberes e potencialidades, adquirindo autonomia para se

desenvolverem em ação e pensamento crítico. Bowman (2020) vai além da sala de aula quando diz que “a produção musical e a educação musical são concebidas e empreendidas como *práticas éticas*, recursos tremendamente poderosos para a formação do caráter.” (BOWMAN, 2020, p.165, tradução minha) e esses ensinamentos o aluno levará para vida e para toda sociedade onde ele está inserido.

O real objetivo é de se conectar à comunidade, onde o ensino da música deve ser de fato realizado em um ambiente em que o ser humano fosse compreendido em sua totalidade, com suas formas de resolução e com a sua maneira de ver e viver o “mundo”. Penna (2007) ressalta que as “diferenciadas manifestações musicais têm intensa presença na vida cotidiana do mundo contemporâneo, onde cumprem diferentes funções significativas, constituindo um imenso e diversificado patrimônio musical”. Entretanto, o docente necessita se contextualizar para atingir as necessidades que lhe sobrevém, tornando assim a educação musical um tanto humanizadora, onde o centro é o próprio educando, pois a educação que lhe é devida “necessariamente está comprometida com a construção da autonomia dos sujeitos, construção que ‘não ocorre em data marcada’, como diria Freire, mas que é um processo” (GALON, 2013, p. 4).

A educação musical deveria ser compreendida como um diálogo entre o educador e seu educando, assim, juntos compreendem por meio das relações do saber e do aprender, onde o processo se dá pela colaboração de ambos. Para que isso aconteça, a mudança de atitude do educador musical deve ser relevante a ponto de proporcionar a humanização, onde possibilita o seu aluno a se desenvolver em sua total potencialidade tornando o saber musical como um processo natural e saudável. Por outro lado, nem sempre essa mudança é algo simples de acontecer, mas é necessária se de fato é o que queremos. Penna relata que:

O fato é que toda construção do novo é difícil, colocando em jogo não apenas romper a inércia e os padrões estabelecidos, mas também enfrentar o desconhecido e criar condições para mudanças que não sejam apenas de nomes e de discursos, mas sim transformações efetivas de práticas, de posturas e de concepções (PENNA, 2007, p.55).

Ser multi-instrumentista nesse contexto humanizado é algo que possibilita o futuro docente atender e entender a música como parte do mundo, algo indissolúvel. Compreender que no fazer musical não basta tocar apenas um instrumento, mas, sim, usar todas as possibilidades de sons para o fazer musical. Penna descreve bem sobre essa prática de ensino tradicional, onde ela considera que:

[...] esse modelo tradicional pode formar bem instrumentistas – de instrumentos tradicionais, com ênfase na prática solista, em busca do virtuosismo. E consideremos ainda que esses instrumentistas podem formar outros instrumentistas– ensinando como foram ensinados e reproduzindo o modelo de música, de fazer musical e de ensino (PENNA, 2007, p.51).

No entanto, se pararmos para pensar: qual é o real alcance dessas práticas pedagógicas? Qual o tipo de aprendizado que se tem nesse modelo de aprendizagem? Para se fazer música não necessariamente devemos atender a um repertório ou a expectativa de um aluno a aprender um instrumento. Nem sempre ter uma performance apurada, o que chamamos de "virtuosismo" com técnicas instrumentais e domínio da leitura e escrita musical, é essencial ou primordial quando falamos de educação musical. O simples fato e intenção de apenas fazer música é o que motiva o docente a se tornar multi-instrumentista, pela busca do que gosta e de como a sua prática vai torná-lo como tal. Ser um educador musical multi-instrumentista é se tornar um professor que atende muito além do tocar por uma técnica, mas por atender às suas próprias expectativas em relação ao criar, a construir, a executar e apreciar música.

4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Considerando sobre como construir todos os dados que buscam atender a todas as informações que os objetivos específicos pedem, foi pensado como meio principal de pesquisa a realização de “grupo focal”. Segundo Borges e Dos Santos (2005, p. 75), “a técnica do “grupo focal” constitui dentre as várias modalidades disponíveis de entrevistas grupais e/ou grupos de discussão”, pois possui determinados procedimentos que o diferenciam de outras entrevistas grupais. As autoras ainda concluem que:

Observa-se que a técnica do grupo focal vem sendo muito utilizada em diversos estudos, podendo ser empregada como técnica isolada ou em combinação com outras. A aplicação deste recurso metodológico pode fornecer uma importante ferramenta na aproximação dos pesquisadores/profissionais ao universo da população-alvo, em diversos momentos do desenvolvimento de programas e pesquisas. E, dependendo de sua utilização, pode contribuir para dar vez e voz a grupos que tradicionalmente não são ouvidos (quando não silenciados), ou quando o são, sua escuta é feita sob a ótica do outro que não compartilha de suas questões e questionamentos (BORGES; DOS SANTOS, 2005, p. 75).

Para as autoras Aschidamini e Saupe (2004, p.10), os Grupos Focais como Metodologia Qualitativa, “tem por objetivo gerar uma gama de respostas e formular hipóteses, não necessariamente chegar a um discurso conclusivo sobre as questões pesquisadas”, já que a pesquisa qualitativa se caracteriza por buscar respostas acerca do que as pessoas pensam e quais seus sentimentos.

Para a realização do grupo focal, algumas observações importantes devem ser levadas em consideração, “pois terá uma tarefa relevante, uma vez que implica na capacidade de contribuição com os objetivos da pesquisa” (ASCHIDAMINI; SAUPE, 2004, p.10). Assim, também é importante a escolha de participantes e estar atento para que não tenham um mesmo vínculo evitando que a livre expressão de ideias no grupo seja prejudicada. O local no qual será realizado o grupo e a duração dessa entrevista deve ser previamente pensado e organizado para que tudo esteja na mais perfeita sincronia. A mediação de um moderador e um observador são importantes na interação grupal e na captação das informações e análises dos possíveis resultados.

Partindo de todos esses detalhes, foi selecionado para a realização do grupo focal uma turma de Estágio Supervisionado IV da Licenciatura em Música da UFRN, onde os requisitos para a escolha foram estar sendo oferecida no semestre de 2021.1 e ser aceito pela parte docente e dos alunos da disciplina. Conseqüentemente, já que os mesmos se encontram em fase final do seu curso e estão refletindo sobre sua atuação em sala de aula.

O curso de Licenciatura em Música da UFRN, sediado na Escola de Música da UFRN – EMUFRN foi aprovado em 21 de dezembro de 2004, pela Resolução nº 081/2004-CONSEPE, iniciando suas atividades em 2005. De acordo com o Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Música (2019), o objetivo é formar profissionais aptos a atuar de maneira articulada na educação básica e suas modalidades, em Instituições de ensino específico de música, bem como nos campos instituídos e emergentes, a escola de música busca viabilizar a pesquisa científica em música, possibilitando a formação profissional competente no sentido de capacitação artística, científica e política.

A Escola de Música, localizada na entrada principal do Campus Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a Escola de Música é de fácil acesso e conta com um prédio novo com dois andares e salas estruturadas para o maior conforto e usabilidade de alunos e professores.

Para a realização do grupo focal, foi escolhida a plataforma online do *Google Meet* para realizar a conversa, por razões de ainda estarmos em meio à pandemia do Covid-19. O grupo focal ocorreu durante uma aula de Estágio Supervisionado IV. A entrevista foi gravada pelo próprio Google Meet em arquivo de vídeo e salvo na plataforma do *Google Drive* pela minha orientadora e em seguida tive o acesso ao link da entrevista.

A conversa do grupo focal iniciou às 21h de quinta-feira do dia 17 de junho de 2021, e logo, a Profa. Dra. Tamar Genz Gaulke passou-me a palavra, onde iniciei agradecendo a todos pela colaboração, e em seguida fiz a primeira pergunta (conforme roteiro em apêndice). Deixei o momento bem livre para as pessoas responderem as questões. A discussão fluiu de maneira leve e durou cerca de quarenta e cinco minutos, se estendendo depois sobre assuntos que não estavam diretamente ligados à pesquisa.

Iniciei o processo de transcrição da entrevista do grupo focal escutando o áudio minuto a minuto e transcrevi fielmente as falas dos participantes. Após a transcrição, escutei algumas outras vezes cada fala, conferindo as palavras e expressões utilizada pelos alunos. Incluí na transcrição reticências em momentos que há uma interrupção das palavras. Em colchetes, incluí detalhes em momentos de difícil compreensão de frases para facilitar o entendimento dos leitores desta pesquisa. Devido a alguns vícios de linguagem muito comuns utilizados pelos licenciandos que se repetiam exaustivamente, algumas palavras foram retiradas, tais como “né”, “é”, “sabe”, “então”, com o intuito de preservar a fluência das narrativas em seu registro escrito. Em seguida, a transcrição foi revisada pela minha orientadora, a meu pedido, para rever possíveis erros da minha compreensão da gravação. A

transcrição feita em um único arquivo que totalizou 10 páginas (configuradas em espaçamento simples).

Separando todas as respostas de cada pergunta, em seguida iniciei a análise dos dados de acordo com o objetivo geral da pesquisa onde fiz pontes com a fundamentação teórica e no final dividi por categorias de respostas de acordo com cada objetivo específico.

Tive a liberdade de identificar os participantes com pseudônimos escolhidos por mim para resguardá-los em sua identidade.

5. ANÁLISE DE DADOS

5.1 Sobre o grupo

O grupo focal, como já mencionado anteriormente, era formado por alunos da Licenciatura em Música da UFRN, cursando a disciplina de Estágio Supervisionado IV. O grupo era composto por oito pessoas, a maioria natural de Natal-RN, mas também de Cruzeta, cidade do interior do RN, e de outros estados do Brasil como Recife em Pernambuco e Guarulhos em São Paulo. Um grupo com idades bem diversas, entre de 20 a 60 anos, que estão cursando os semestres finais do curso e a maioria com pelo menos dois estágios supervisionados concluídos. Algumas características do grupo focal:

Quantidade total de participantes	8
Quantidade de Mulheres	3
Quantidade de Homens	5
Quantidade de participantes que abriram a câmera	2
Quantidade de participantes que se pronunciaram	6
Quantidade de participantes que se consideram multi-instrumentista	4
Quantidade de participantes que têm experiência profissional na educação básica	2

5.2 Sobre ser multi-instrumentista

Quando nos deparamos com o ensino de música de um aluno da escola de educação básica, logo pensamos na maneira ou formas pelas quais vamos conseguir transmitir esse determinado conteúdo. Isso nos remete às quais conhecimentos e habilidades precisamos ter enquanto professores para que o aluno se desenvolva em sua totalidade como um ser humano em formação contínua, que entenda que a música faz parte importante desse processo. E pensando nessas questões, lancei a primeira pergunta para o grupo focal acerca do que eles pensam sobre ser multi-instrumentista.

Algo importante a destacar é que não foi dado nenhum tipo de informação ao grupo acerca do tema da pesquisa e por isso as respostas iniciais foram bem gerais ao pensar em multi-instrumentista. Dos oito alunos entrevistados, seis interagiram com a conversa. Nesse

primeiro momento, três licenciandos se voluntariaram para responder essa pergunta: O que vocês pensam sobre ser multi-instrumentista?

José, natural de Natal-RN, com 56 anos e que ainda não tem nenhuma experiência profissional, mas que carrega uma bagagem importante de experiências como o Programa Institucional, o PIBID, destaca que:

A questão para mim, né, de ser multi-instrumentista, ela é de fundamental importância pro músico, uma vez que você pode fazer as produções musicais hoje dentro das tecnologias que você tem principalmente gravações, né? Se você tem uma base boa de vários instrumentos, você pode montar um home Studio e isso é uma alternativa muito boa, para que você possa, de repente, até empreender, fazer arranjos, editar partituras, de vários instrumentos, gravar vários instrumentos e pode fazer produções musicais. Então, abre aí um leque dentro do ramo da música, em termos de campo de trabalho, muito importante. Você instrumentista sabe que é uma coisa difícil porque a maioria dos músculos eles dominam a um instrumento só apenas, né? Mas hoje tem tanta tecnologia que se você tiver conhecimento básico de vários instrumentos, você vai poder fazer muitas coisas, Produções, aí tem recursos tecnológicos que existe, né? Até na questão da educação musical mesmo é de suma importância que você domine esses recursos e que você possa tocar, possa tocar outros instrumentos. E com isso você vai ilustrar melhor até a sua aula. Talvez não, com certeza (JOSÉ, junho 2021).

Marcos, natalense de 34 anos, atualmente professor em diferentes espaços de aprendizagem docente como de musicalização em escola privada, participante do *Programa de Residência Pedagógica² em escola pública e com conhecimentos em violão básico e baixo elétrico, confirma a fala do José:

Eu também penso assim, Amanda. Pensando pelo lado profissional, né? No caso, quem trabalha com música, se ‘toca’ mais do que um instrumento, realmente vai abrir muito mais portas para você, né? Tanto abrir porta de trabalho como abrir portas de conteúdos também, habilidades nesses instrumentos. Tem gente que toca instrumentos e não trabalha com música e mais desenvolve muitas habilidades para exatamente fazer arranjos, fazer músicas, enfim, tem várias habilidades, que ele pode fazer um disco sozinho, né? Então isso me ajuda bastante. E falando pelo lado profissional também, né? Que se você “toca” mais de um instrumento você pode tocar em uma banda ou então tocar várias bandas, né? Pode fazer assim, vou fazer vários trabalhos diferentes. Se tiver essa habilidade também tem, penso por esse lado (MARCOS, junho 2021).

* O Programa de Residência Pedagógica é vinculado à formação das disciplinas da Base Nacional Comum Curricular. O programa é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores. Com o objetivo de aperfeiçoar a formação prática nos cursos de licenciatura, promove a imersão do licenciando na escola de educação básica a partir da segunda metade de seu curso. (Trecho tirado do <http://portal.mec.gov.br/residencia-pedagógica>)

Já Carlos, 24 anos, natural de Natal, atualmente residente em Goianinha, Interior do RN, complementa as falas anteriores de José e Marcos e chega ao ponto desejado da pesquisa: a questão da licenciatura e a importância de ter outros saberes em diversos instrumentos.

Sim, eu vejo esse, esse multi-instrumentista assim como uma porta de entrada para, assim, o pessoal ganhar a vida de formas diferentes. Talvez o cara toca numa banda e em outra banda mesmo ele toca outro instrumento. Às vezes o cara tem um home Studio, né? Como a partir da minha experiência, assim, o instrumento que eu estudo mesmo é guitarra, mas aqui em casa, eu tenho um teclado e tem um violão, então de vez por outra parece um, uma gravação de fazer um Ted para uma música de algum conhecido: Ah, “Fulano” grava e daí ele pode fazer, sei lá, uma cama de piano, alguma coisa do tipo. E assim, falando um pouco da licenciatura, me ajudou muito nisso. Porque até então foi na licenciatura que nas aulas com Nan Qi e com a outra professora foi que eu aprendi alguma coisa sobre piano, né, sobre o teclado, enfim. E de certa forma [as disciplinas] nos tornam multi-instrumentistas, né?! Que a gente tá tocando mais de um instrumento, né? Então abre muitas portas para a pessoa porque amplia os horizontes (CARLOS, junho 2021).

O ensino de música deve ser uma intensa troca de saberes entre aluno e professor, onde o professor se molda às necessidades encontradas e, para isso, necessita de uma mudança de atitude para que se possa alcançar os resultados desejados. Ao serem questionados sobre o ensino de música na escola, sobre a relevância em saber vários instrumentos para se ensinar música na escola de educação básica, tive mais três entrevistados que expressaram suas opiniões acerca do assunto.

Clarice, natalense de 21 anos, atuante no Programa de Ensino Residência Pedagógica, diz que:

Eu acredito que sim, né? Bastante na verdade. Até porque a própria licenciatura, da gente, ela dá suporte com até às disciplinas de instrumento harmônico e tudo mais. O fato de você saber um instrumento, vários instrumentos, né, ou dominar canto e violão, por exemplo, já dá muito mais recurso para você enquanto professor poder trazer outras atividades musicais mesmo para turma. A questão, pronto, flauta doce e outros, mas instrumentos mesmo que você já sabe antes de entrar no curso de licenciatura, por exemplo, já ajuda muito até a própria pessoa quando entra no curso, né? Então o licenciando, ele se formar, se capacitar nesse sentido, eu acho que abre realmente muitas portas e pode trazer muitas outras perspectivas, várias atividades, podem utilizar de várias formas mesmo em sala de aula (CLARICE, junho 2021).

O saber vários instrumentos, segundo a opinião dos entrevistados, é algo que irá beneficiar tanto profissionalmente em outros espaços de atuação quanto em sala de aula.

João, pernambucano natural de Recife, atualmente residente em Natal. Atua como professor de música na educação básica trabalhando com a primeira infância e os anos iniciais e finais do ensino, complementa a fala anterior. Ele mostra que a base oferecida pela universidade é bem limitada e vê essa necessidade de o professor ir além do que lhe é

oferecido em sua formação. Ou seja, buscar conhecimentos que lhe faça atingir seus objetivos em sala de aula:

É... Eu concordo bastante assim, com o que a Clarice falou. E aproveitando o gancho, né? Eu sigo uma pessoa [nas redes sociais] que é do Uruguai. Aí ela fez com parentes e até com aquela piada que a gente costuma ouvir bastante do tipo de música: “*Nossa, você entrou na licenciatura em música?! Você aprende todos os instrumentos assim?!, qual instrumento que você toca?*” E ela fez um vídeo fazendo um parêntese com isso e mostrando vários tipos de instrumentos que a gente usa no dia-a-dia, é assim, né? Nessas aulas de educação básica então, chocalhos, maracas, alguns instrumentos típicos da América Latina, e eu achei isso bem interessante porque a gente é bem multi-instrumentista né, como o Marcos falou. A gente tem esse suporte, esse conhecimento, pelo menos uma iniciação assim né?! E de resto a gente vai atrás para tentar ter o básico, pelo menos para trazer coisas interessantes que incrementam na aula, né? (JOÃO, junho 2021).

A vivência e a prática dos futuros professores em sala de aula é fruto de toda a sua formação enquanto licenciando. Essas experiências são adquiridas na medida em que você se dispõe a estar sempre aberto ao “novo”, às novas possibilidades de atuação, de acordo com o que você teve como base na sua formação inicial. Marcos mostra em sua fala que essa contextualização do meio em que está inserido faz toda a diferença na educação musical.

Eu acho que é total a importância de saber de mais de um instrumento, né? Principalmente pro pessoal ter uma ideia. Às vezes o colega não toca, sei lá um instrumento de percussão, mas o fato da pessoa praticar pouco de instrumento de percussão, a gente cria certa ideia aonde encaixar um chocalho numa música, aonde encaixar uma maraca. Daí é, pra mim, essa ideia mesmo que o cara não é percussionista, mas aí a pessoa, pela vivência que a gente já tem escutando as músicas e tudo, a pessoa cria essa noção de: “*Há! Fica legal encaixando determinados instrumentos em algumas partes da música*”. E eu falo até da flauta doce, que tipo, instrumento, entre aspas, simples que na escola faz uma diferença tão grande para as crianças. Às vezes o cara monta um “coralzinho” ali, tem quatro, cinco crianças que às vezes já dominam um pouco mais a questão motora e dá pra trabalhar muita coisa com eles (MARCOS, junho 2021).

5.3 Sobre a formação didático-musical/instrumental dos licenciandos

A próxima pergunta para o grupo foi a respeito da formação acadêmica. Nesse ponto, falaram de partes positivas e negativas da Licenciatura em Música da UFRN. A pergunta base foi: O que pensam sobre a formação instrumental do licenciando?

Lucas, com experiência em outro espaço de atuação em projetos como ONGs, professor particular de instrumento, mas que não atua na educação básica até o presente momento, comentou algo que já havia sido dito por outra pessoa. Falou sobre o conhecimento passado pela universidade ser algo inicial, algo básico quanto à formação dos licenciandos em

instrumentos, e que o aluno da graduação precisa agregar novos conhecimentos acerca desses instrumentos que são oferecidos em disciplinas, violão, piano, flauta doce e instrumentos de bandinha rítmica:

No curso de licenciatura não tem como você aprender tudo, então o que nos é disponibilizado é o básico dos instrumentos, que é flauta, violão e piano. São os mais básicos do sopro e das cordas e a gente tem que buscar agregar isso, se for necessário, na nossa formação e na nossa atuação enquanto docente. E a formação instrumental é importante sim porque você vai chegar numa sala sem saber tocar um instrumento, as crianças vão começar a tirar onda com você (LUCAS, junho 2021).

José aponta um lado mais crítico da graduação, onde ele vê uma falha na formação teórica e instrumental do licenciando, a licenciatura do instrumento.

Eu penso assim, que existem alguns modelos de licenciatura em outras universidades que proporcionam estudo de instrumento um pouco mais a fundo. Enquanto que a gente tem a prática de instrumento harmônico, que é importante, mais importante para o nível de licenciatura, que nós temos praticamente [ficamos] longe do instrumento. Então pra o docente é de suma importância saber fazer. Então, eu acho que nosso curso, ele precisava de um ajuste com relação a isso e eu venho batendo isso desde o início do curso, e você sabe disso, nós conversamos muito a respeito na perspectiva de que surja uma proposta de incluir mais atividades práticas como, principalmente, o contato com a partitura seja ela erudita ou popular, não importa, mas esse registro é de suma importância que o licenciado domine para que ele possa aplicar isso de certa forma na Escola especializada, que é uma das direções da licenciatura na questão do empreendedorismo e na questão também da Educação Básica. Principalmente, quando se trata de nível médio, né. Então eu acho que a gente tem um modelo um pouco, não vou dizer defasado porque o curso é muito bom em termos de fundamentos, porém na questão prática de, digamos assim, do instrumento ela, ah, ela deixa muito a desejar. Eu senti muita falta disso durante o percurso (JOSÉ, 2021).

A busca por uma melhor atuação do professor de música na educação básica é constante e deve ser incentivada pela Licenciatura em Música para o desenvolvimento desses profissionais. A licenciatura em Música prepara para a atuação básica, mas também para outros espaços. Ao perguntar sobre o que de fato capacita musicalmente um professor a estar apto para uma sala de aula e quais conhecimentos musicais e instrumentais são necessários para tal, busquei avaliar a desenvoltura dessas habilidades e seus significados para o músico professor.

João abre sua fala dizendo:

Eu acredito que no fim das contas é a experiência que a gente tem justamente dentro da sala de aula, né? Não tem como ficar capacitado em algo que ninguém tenha experiência. Então se está no primeiro período, você nunca teve experiências. Se for pegar aquela realidade de você [que] saiu do ensino médio, então muita gente entra com 18 anos e não, às vezes nunca nem trabalhou. Como que você vai estar capacitado? Tendo experiência dentro de sala de aula, tendo convivência, observando, participando, né? Então quem fez parte do PIBID, todos esses programas que existem, a residência e os estágios, atividades orientadas, eu acredito que é isso que talvez

estivesse mais perto de trazer uma capacitação de fato, né. Porque é vendo que a gente aprende e é colocando [em prática] que a gente aprende trazendo essa experiência, né? (JOÃO, junho 2021).

Marcos falou sobre a diversidade onde o futuro professor estará atuando, mas o que diferencia e o que capacita é a didática e a prática que ele possui.

Tem muitos instrumentistas que tocam vários instrumentos, mas não sabem dar aula. Ou não. Tem muita gente que sabe dar aula perfeitamente, tem toda uma didática, e não toca um instrumento, né? Então, são duas vertentes aí que o professor tem, assim, exatamente, com muita experiência, né? Como falo, experiência, muita prática, muita coisa mesmo, porque a música, pensa assim, ela é infinita [nas] possibilidades de se trabalhar, né? Não tem limites também. O que de fato capacita musicalmente [um] professor a estar apto numa sala de aula não tem limites, exatamente. Se você for dar uma aula na escola básica e, tem muita coisa do mundo para se falar, não do nosso cotidiano, mas possa se falar do mundo muita coisa mesmo, a prática como o Lucas falou. E é isso. Porque ser professor é uma coisa meio complicada, porque como eu falei, tem muitos instrumentistas que tocam vários instrumentos [que] eu conheço [e] que não sabem dar aula. Como eu conheço muita gente que tem uma didática assim, que eu assisti, dá uma aula perfeitamente usando o corpo, usando a técnica, usando um som, usando aparelho de som, mas não toca nenhum instrumento. Mas assim, eu acho que é prática mesmo (MARCOS, junho 2021).

José elenca três pontos importantes para definir o que capacita para que o futuro professor a estar apto para ministrar sua aula: O saber fazer musical, domínio de conteúdo e o domínio da sala de aula.

Pela sua pergunta: o que de fato capacita musicalmente, esse musicalmente para mim é muito importante. Primeiro o saber fazer musical. Vou pontuar porque é uma pergunta que precisa ser pontuada, pois tem várias vertentes aí pra [essa] resposta. O saber fazer musical, domínios dos conteúdos, o domínio da sala como Marcos falou. A experiência e a concepção, apreensão dos fundamentos que dá principalmente no nosso curso de licenciatura que é bem completo nesse sentido, é uma junção de tudo isso. Saber fazer é uma habilidade e a capacidade de você saber ensinar e ter o domínio da sala. Para mim são três fatores de suma importância pra que você seja musicalmente um professor. Claro, a prática de instrumento a teoria com relação ao instrumento etc. A questão de saber dar aula e usar os recursos que você tem, o que a gente tem é praticamente um contrato com a Educação Básica, no nosso curso de licenciatura. E a gente sabe que na educação básica não existe recurso didático para que o aluno aprenda um instrumento, você tem que colocar outros conteúdos ou outras possibilidades para que ele entenda a música de uma forma diferente e não só como um instrumento, né? Mas como eu falei, existem outras vertentes e você tem outros caminhos também que pode seguir, como na escola especializada. Não adianta se falar só na escola especializada como prática, como não se falar nela como educação musical também, as duas coisas andam juntas, né? Então, o domínio da sala, a segurança que você vai adquirir nesses dois fatores, é como o Marcos falou, se você toca um instrumento e não sabe dar aula ou não tem a capacidade de passar esse conhecimento para o aluno, é um ponto negativo. Mas você não domina o instrumento e então você vai ficar devendo da mesma forma. Aí tem que achar um meio termo e dentro disso tudo a experiência, o domínio da sala ele é super importante, na minha opinião (JOSÉ, junho 2021).

Clarice afirma que a vivência na escola, na sala de aula é o que de fato vai fazer com o que o professor em formação inicial esteja apto e capacitado para dar aula:

Então é, era mais concordando com o que João falou, né? A questão da docência, dentro da experiência da docência, dentro da formação, esse programa de ensino, então é o que mais capacita. Até porque a gente tem muito suporte teórico da literatura, práticas musicais que a gente aprende tudo isso dentro do curso, mas só o que vai fazer a gente, enquanto licenciando, professor em formação, saber estar na sala de aula é estar na sala de aula. Por mais que a gente leia, até porque muito é romantizado e traz uma leitura da realidade, mas é estar dentro dessa realidade quando mesmo sabendo todos os desafios na experiência é o que pode capacitar melhor o professor né? E também essa conexão, estar conectado com o contexto de sala de aula, né? Isso também nas literaturas e tudo, então tentar estar conectado dessa forma, entender os desafios que a educação, que a sala de aula pode proporcionar em qualquer contexto. Então, eu acho que os professores que se situarem sobre isso, podem ajudar a capacitá-lo também, né? (CLARICE, junho 2021).

A prática antes de tudo é um conjunto vivo de atividades contínuas que evolui na medida em que seus participantes se desenvolvem criativamente e criticamente. Isso se dá pela evolução constante de seus praticantes, pois a evolução envolve uma constante mudança no fazer musical. Então, a prática é um dos elementos que faz com que o professor em formação inicial, ao término, esteja pronto a ministrar aulas, mas ela sozinha não é suficiente. José aborda bem quando relata que junto com a prática tem o domínio do conteúdo e o saber fazer musical.

5.4 Sobre a necessidade multi-instrumentista

Entendendo que muitos licenciando não têm esse perfil multi-instrumentista, mas vê a necessidade de ter contato com outros instrumentos. Perguntamos qual a diferença entre esses dois termos: ter o perfil multi-instrumentista e ter a necessidade multi-instrumentista e quais abordagens e metodologias são importantes para o professor:

Clarice disse que:

É uma diferença bem sutil, eu acho. Ter um perfil multi-instrumentista e a necessidade multi-instrumentista, [onde] o perfil multi-instrumentista seria mais isso mesmo de alguém que já seja, seja multi-instrumentista. Acho que já dá para aparentar um pouco disso na própria atuação. Essa necessidade multi-instrumentista do professor seria usada para a sala de aula. Eu tiro muito pelo meu exemplo, eu não me considero multi-instrumentista, mesmo dominando algumas coisas, voz, violão, violino, mas eu não me considero multi-instrumentista. Mas eu vejo essa necessidade, minha necessidade multi-instrumentista enquanto professora. Então eu procuro melhorar um pouco mais de violão, entender um pouco mais de harmonia, técnica. Procuro sempre tá cuidando da minha voz, mesmo que eu não seja cantora oficialmente. Sempre mantendo meu estudo de violino, tentando de vez em quando alguma coisa de teclado, piano, né? Porque eu vejo que na minha atuação pode ter

essa necessidade multi-instrumentista. E esse perfil multi-instrumentista seria alguém que já se considera mesmo multi-instrumentista, que já atua nesse sentido (CLARICE, junho 2021).

José relata a praticidade do músico professor que tem o perfil multi-instrumentista e da diversidade de atuação no ensino de música.

Eu acho que se você tiver o perfil, a necessidade ela vem assim de uma forma mais prática do que você vai usar no dia a dia. Mas se você não está pronto ali, se você tem que ter necessidade de correr atrás, aí, digamos, você pega uma escola particular e lá tem um piano e você vai fazer um aquecimento de voz, você pode usar o violão, sim, mas o piano está mais na mão ali pra você usar. De repente a coordenadora pedagógica ou alguém que exija a necessidade que na escola tenha um coral infantil, e se você tem uma gama maior pra você tocar mais instrumentos você vai poder fazer um aquecimento melhor, trabalhar de forma mais profissional. Se você não tem esse perfil, você vai ter que ter necessidade e fazer no violão, pode ser que não fique a mesma coisa, né? Mas eu me defino assim, como perfil mesmo, eu gosto de vários instrumentos apesar de não tocar bem nenhum, mas eu me defino como, eu procuro aprender outros instrumentos, e gosto, gosto disso. Eu acho que prepara melhor você porque você tem campo de visões diferentes, quando você toca um instrumento em tudo, na questão didática, na questão de postura e aí vem a necessidade e você acaba estando um pouquinho mais preparado (JOSÉ, junho 2021).

Ao final da fala de José, João fez um questionamento sobre o quê de fato é necessário para assumir uma sala de aula. “Tenho só uma pergunta, uma indagação, uma retórica, que essa necessidade, ela surge de uma perspectiva de que pra gente assumir uma sala de aula sendo professor de música a gente precisa ter esse conhecimento múltiplo?” (JOÃO, junho 2021).

E Lucas responde: “Eu acho que não é uma regra, se vai precisar disso, vai depender muito do contexto também, né. Se a turma vai exigir isso ou a proposta da instituição” (LUCAS, junho 2021).

Carlos complementa a resposta anterior:

Eu concordo com o que Lucas falou sobre isso depender da turma. Porém, a gente não sabe o que vai encontrar pela frente. Eu sei que a gente encontra uma turma assim que, *meu amigo, se o “caba” não souber pelo menos um “violãozinho”, teclado e tudo para às vezes exemplificar uma coisa ou outra, torna-se difícil, né?* Hoje mesmo, falando só um pouco do estágio que eu “tô” no ensino médio, é uma realidade diferente da Educação Básica, o professor demonstrou vários instrumentos. Ele é baterista né, mas tinha vários instrumentos de percussão. Teve um que ele pegou [e eu pensei] *que “danado” eu faço com esse cano, sabe?* Eu fiquei me perguntando: *se eu pegasse isso na mão eu ficava me perguntando para que serve isso, tá entendendo?* Que é uma falha minha. Não de dominar, assim, mas não ter uma noção básica pelo menos de instrumentos de percussão. Sou muito ruim em coordenação e é uma coisa que eu tenho que colocar como pauta para aprender alguma coisa. Às vezes [pegamos] algumas situações em sala de aula que, acho que se não soubermos um ou dois instrumentos complica para caramba, sabe? Eu acho que eu me defino assim como uma pessoa aqui que quer aprender assim como José citou aí sabe, complicado (CARLOS, junho 2021).

José volta a dar suas considerações finais sobre a última pergunta:

Eu acho que vai muito também em função do ambiente que você vai ensinar e da proposta que você concebe né? Para dar suas aulas com relação aos ambientes, tem ambientes em que você vai trabalhar uma percussão corporal, por exemplo, você vai usar o corpo, talvez não necessite usar um instrumento para dar aula. Vai ter outros ambientes que você tem que ter o domínio do instrumento, não tem como correr disso, entendeu? Essa convergência das duas coisas, ela é muito importante, por isso sempre costumo bater na tecla do saber fazer junto, claro, com todos os fundamentos que a gente aprende durante todo o nosso curso que são bem completos nesse sentido. Não é à toa que são 780 horas de estágios, fora os estudos que a gente tem de embasamento [como] fundamentos sócio-filosófico, fundamento psicológico, fundamentos da educação e várias outras coisas. Teve disciplinas, por exemplo, que eu não imaginava que eu fosse pagar e que eu acabei pagando e gostei muito, que foi o canto, canto coral, canto complementar I que é canto erudito para ter uma ideia como funciona a técnica vocal e uma série de outras coisas. Então eu acho muito importante essa questão do multi-instrumento porque tua voz também é um instrumento. Você que toca violão e canta, você tem dois instrumentos. Se você toca teclado você vai somar, você vai ter três instrumentos. Flauta doce vai ter quatro e isso vai abrir mais teu leque. Mas eu acho que isso depende muito da proposta de aula. Se você pensar em Schafer por exemplo, fazer um relato do que se ouviu em uma partitura, você vai ter que tocá-la para os alunos ouvir, o que é que eles ouviram na natureza, por exemplo. Como uma ideia de aula de percepção sonora que você sentiu no ambiente externo e trouxe para dentro da sala de aula, grafou aquilo ali, fez a notação e você vai pegar o instrumento para tocar aquilo ali. Tem que ter o domínio do instrumento, não tem como você fugir disso. Eu vou ensinar o quê? Música. Ok! você vai ensinar música, o que você toca? Eu não sei tocar nada. Tudo bem. Posso ensinar com o corpo, posso ensinar..., mas você tem que saber alguma coisa de canto, você tem que ter uma base de canto, você tem que saber a notação musical como ela funciona para você explicar e mostrar, demonstrar porque tudo isso vai cair naquilo que a gente comentou, seria o domínio de sala (JOSÉ, junho 2021).

A música está relacionada à prática, logo, a criatividade deve ser praticada para desenvolver o papel e melhor desempenho do aluno na música. Se o perfil multi-instrumentista é de fato necessário para que o professor ministre sua aula com qualidade e atinja seus objetivos de educação musical, não temos mais respaldos para responder essa questão. Também não foi finalidade desta pesquisa, mas o saber múltiplo, a abertura a novos conhecimentos é transmitir conteúdo com mais qualidade e recursos, algo que irá ser desenvolvido na formação do futuro professor de música a estar apto em seu ofício.

Estar aberto ao leque de possibilidades que a música traz ao professor é algo que merece ser olhado com atenção. Quando você educa um aluno, você ensina a ele o que pode ser feito através da música, ensinando valores e assim direcioná-lo a algo que vai além do tocar um instrumento. E é isso que a educação musical busca ensinar através da música, valores, saberes, objetivando facilitar esse envolvimento musical.

A diversidade é muito importante na excelência quando se fala em ensino da música, e nós precisamos focar naqueles que têm uma flexibilidade, uma abertura maior a estar disposto a receber novos ensinamentos. Pensar o quão disponível a sua mente está para o novo e

diferente a essas experiências, irá fazer com que o futuro professor se desenvolva muito mais nas suas habilidades para assim poder atingir os seus objetivos e claramente podemos ver isso nos resultados que a música traz por si só nos alunos e na transmissão desse conhecimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhando para todo o processo de construção desta pesquisa, algo tão desejável para uns e ao mesmo tempo tão temível para outros como o trabalho de conclusão de curso, é inevitável não ser grata a Deus por todos os desafios e obstáculos superados, e no fim, vivenciar uma realização de dever cumprido junto com a alegria e compreender a grandiosidade de concluir essa etapa na minha vida. A experiência de concluir o ensino superior é sem dúvidas um marco importantíssimo em minha vida de maneira pessoal e profissional. Por muitos anos foi um grande sonho e hoje se torna realidade. Durante esses quatro anos, eu pude crescer como pessoa, como musicista, como docente, percebendo novas maneiras de viver música.

Estudar sobre o perfil multi-instrumentista e os impactos dessa característica na educação musical tornou-se algo prazeroso em que pude compreender a riqueza que foi mergulhar nesse mundo de conhecimento e informação acerca da formação inicial docente e a diversidade que o contexto musical escolar está. Acima de tudo foi um processo de autoconhecimento daquilo que vem acompanhando a minha vida inteira e que se faz presente em toda minha atuação, do meu fazer musical como docente que é mais outra maneira de ser músico, uma maneira que vem contribuir para a atuação do professor de música. Desse modo, a pesquisa buscou compreender o impacto na prática e na formação inicial docente, como objetivo geral compreender o impacto da característica multi-instrumentista na prática e formação docente de licenciandos em Música da UFRN. Como objetivos específicos, busquei entender sobre o processo de formação docente e prática quanto à especificidade multi-instrumentista; identificar a diferença entre ter o “perfil Multi” e a “necessidade Multi”, em abordagens e metodologias de ensino; avaliar a desenvoltura dessas habilidades e seus significados para uma melhor atuação em sala de aula.

Para tanto, foi realizada uma conversa com licenciandos da UFRN com interesse em investigar a presença da característica multi-instrumentista na prática docente dos alunos da licenciatura. A valorização do depoimento oral do grupo focal diante das falas dos voluntários provou que é relevante o saber múltiplo do professor de música e que, pelos relatos, há sim uma importância nessa característica e que se torna algo essencial na prática. Os pensamentos dos entrevistados contribuíram para que essa pesquisa pudesse entender como é importante o professor ser dinâmico, flexível em sua prática, na necessidade de ter conhecimentos diversos e na pluralidade do fazer musical. Ou seja, ser multi-instrumentista não é apenas saber de vários instrumentos, mas é usar do meio onde está e dos recursos que tiver para se fazer

música. A habilidade Multi-instrumentista vai além de ser “aquele que toca vários instrumentos” (RAUBER, 2017). A necessidade multi-instrumentista é também ter a capacidade de realizar diferentes tarefas a partir do contexto musical apresentado, dando maior significado a sua prática.

Para tal, acredito que se deve levar em consideração a formação dos professores de música. Penso que a característica multi-instrumentista seria interessante aparecer de alguma forma na Licenciatura em Música, sendo incentivado pela academia, uma vez que vimos nesta pesquisa algo que se torna produtivo e benéfico na formação do futuro professor. Assim, sendo possível incentivar os licenciandos a ter esse conhecimento “multi” que será importante para sua atuação profissional. Desse modo, a Universidade se antecipa a necessidade profissional do aluno da licenciatura quando explora ou implementa esse perfil em sua matriz curricular.

Vale a pena se pensar numa padronização de um perfil “multi”, uma vez que pelos estudos feitos, pesquisas de autores que tratam do assunto, juntamente com a análise das respostas dos entrevistados no grupo focal, o multi-instrumentista não tem uma definição exata. Não há um padrão que pode denominar um músico ser ou não múltiplo. Ele está simplesmente na dependência de uma consideração própria onde pode se considerar ou não um multi-instrumentista sem ao menos ter algo que o define.

A pesquisa revelou que há pessoas que tocam vários instrumentos, mas que não se consideram multi-instrumentistas. Então, como posso saber classificar de forma definida esse profissional? O que se pode pensar na graduação que impulsiona mais licenciandos a procurar esse tipo de formação? A classificação de um perfil multi-instrumentista pode se considerar a partir de uma experiência científica/acadêmica sem considerações de caráter pessoal, mas ter o incentivo em matérias específicas ou até mesmo uma formação continuada após ser formado.

Na sala de aula, o professor com o as habilidades multi-instrumentista possivelmente será um profissional com diversas possibilidades e disposto a buscar novos conhecimentos para assim explorar novas formas do fazer musical, objetivando alcançar os melhores resultados para seus alunos.

Mas quais resultados nós como professores queremos para nossos alunos? A educação musical vai muito além de ensinar um instrumento. A música é intrinsecamente boa para o entretenimento, mas ela é profunda e altamente eficiente na condução da expansão de possibilidades e potencialidade onde se desenvolve além da musicalidade também o senso crítico, construção da autonomia e formação de caráter (BOWMAN, 2020).

As reflexões acerca do perfil e necessidade multi-instrumentista do professor de música, a multiplicidade na formação desse profissional e atuação deste músico problematizou e ao mesmo tempo propôs uma nova visão onde estabelece desafios ao licenciando e da unidade formadora desse professor. O desafio pelo novo, por estratégias inusitadas, imprevisíveis e momentâneas que faz da educação musical algo muito além do treino de um instrumento. Ter um perfil multi-instrumentista é ser um músico que não pretende dar caráter virtuosístico a sua performance, mas que com sua prática, através da sua diversidade, possa atender as expectativas que lhe acompanharão durante toda sua trajetória como professor de música.

Ser um educador musical multi-instrumentista é se tornar um professor que atende muito além do tocar por uma técnica, mas por atender às suas próprias expectativas em relação ao criar, a construir, a executar e apreciar música.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Margarete. Educação Musical na Contemporaneidade. Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, 2. Goiânia, In: Anais do Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, Goiânia, 2002, CdRom.

ASCHIDAMINI, Ione Maria; SAUPE, Rosita. Grupo focal estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem**, v. 9, n. 1, 2004.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **A formação profissional do educador musical**: algumas apostas. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 8, 17-24, mar. 2003.

BOWMAN, Wayne. Reconceiving music and music education as ethical practices. **Revista da Abem**, v. 28, 2020.

BORGES, Camila Dellatorre; DOS SANTOS, Manoel Antônio. Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. **Revista da SPAGESP**, v. 6, n. 1, p. 74-80, 2005.

CERESER, Cristina Mie Ito. A formação inicial de professores de música sob a perspectiva dos licenciandos: o espaço escolar. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 11, 27-36, set. 2004.

DEL-BEN, Luciana. Múltiplos espaços, multidimensionalidade, conjunto de saberes: idéias para pensarmos a formação de professores de música. Revista da Abem, n. 8, p. 29-32, mar. 2003.

NÓVOA, António. Profissão professor. Porto: Porto Editora, 1995a.

SILVA, Nayara Freire de Sousa. **O EDUCADOR MUSICAL MULTI-INSTRUMENTISTA**: uma investigação a partir das histórias de vida de professores de música em múltiplos contextos. Natal, 2019. [93f]. Dissertação (Mestrado) UFRN, 2019.

PENNA, Maura. **Desafios para a Educação Musical**: ultrapassar oposições e promover o diálogo. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 13, 35-43, mar. 2006.

PENNA, Maura. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 16, 49-56, mar. 2007.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Educação musical e cultura**: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. *Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, 99-107, mar. 2004.*

RAUBER, Gustavo Luís. **Percursos de aprendizagem de músicos multi-instrumentistas**: uma abordagem a partir da história oral. Porto Alegre, 2017. [230f]. Dissertação (Mestrado em Música – Área de Concentração: Educação Musical). UFRGS, Porto Alegre, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Projeto político pedagógico do curso de Licenciatura em Música. Natal, 2019.

APÊNDICE

Roteiro para o grupo focal:

Perguntas:

- O que pensam sobre ser multi-instrumentista?
 - Trazer os conceitos de Rauber e Silva.
 - o que vocês pensam sobre?

- O saber de vários instrumentos é relevante para o ensino de música na escola de educação básica?

- O que pensam sobre a formação instrumental do licenciando?
 - De fato, a matriz curricular está de acordo com a necessidade da prática em sala de aula?

- O que de fato capacita musicalmente um professor a estar apto numa sala de aula? Quais conhecimentos musicais e instrumentais são necessários para tal?

- Como vocês percebem a diferença entre ter um perfil multi-instrumentista e a necessidade multi-instrumentista do professor?
 - Explicação;
 - Como vocês se definem?
 - Vocês se percebem dentro desse perfil ou encontram essa necessidade multi-instrumentista?

- O que vocês gostariam de comentar sobre? Considerações finais.